

A falta da educação

ELVÉ MONTEIRO DE CASTRO

Epatético observar-se o empenho do presidente da República para reformar o ensino no país, e anedótica a insensibilidade da classe universitária a seus esforços. Poucos sabem que no Brasil não há uma universidade sequer. Temos escolas reunidas ou aglomeradas. Não chegou a nosso país ainda o conceito de campus, tempo integral para professores e alunos, aulas práticas, código de ética, interdependência departamental, orientadores, dormitórios, rodízio de professores e de disciplinas, pesquisa e integração com a indústria etc. ou, se chegou, foi apenas no papel. Nos países desenvolvidos, universidade é qualidade comprovada, é busca incessante do mérito. Aluno só tem direito a aprender. Não tem horário de trabalho, nem férias, salário, nem carteira assinada. É o melhor exemplo do escravo qualificado, e é uma das molas motoras do mundo moderno. Muito menos teria o aluno direito a voto para escolher o reitor.

Uma vez recebi a visita de um aluno. Era o representante de turma que teve a missão de informar-me que todos os seus colegas reconheciam o meu esforço e meu conhecimento da matéria. Mas, que eu não havia entendido que eles eram pessoas socialmente estáveis na vida e que estavam ali apenas para tirar o diploma e não para aprender física. Demiti-me. Não havia razão para o povo financiar essas pessoas estáveis na vida.

Será que o exemplo das inúmeras boas universidades estrangeiras não poderia ser usado como modelo adaptado de pelo menos uma universidade em nossos trópicos? Seria preciso reinventar a roda? No Japão, o bebê que conseguir melhor classificação no vestibular do maternal terá grande chance de poder cursar as melhores universidades, 20 anos mais tarde, e irá, certamente, compor a inteligência da nação. No Brasil, não precisamos ir tão longe. Mas também não se pode viver de férias, greves, carnaval, futebol e novela. Em São Paulo, há uma escola que tem todos os

pré-requisitos acima mencionados e já produziu, em apenas 45 anos de idade, computadores, motores a álcool, aviões, foguetes e satélites, mas mesmo assim não conseguiu contagiar, com seu exemplo de qualidade, nenhum outro órgão de ensino ou de governo.

É preciso fixar os níveis de qualidade desejáveis, dentro dos padrões internacionais, e que os nossos sejam dos mais elevados, uma vez que o brasileiro tem qualidades criativas incomparáveis, capaz de atingir estes níveis internacionais. Que se dê tempo para as acomodações necessárias, mas quem não atingir estes níveis tem de perder o título de universidade. Têm que ser fechadas. É o fim do paternalismo. Que se crie uma, pelo menos, que sirva de modelo para as outras, para mostrar ao povo os imensos benefícios de se ter qualidade.

“...conscientizar todos... de que educação é essencial para a própria saúde do país”

Para atingir esta meta, deve-se aproveitar tudo que já se conhece no mundo sobre a melhor forma de gerar e disseminar conhecimento, para organizar universidades nos melhores moldes. É indispensável dispor de professores, pesquisadores e administradores extremamente bem qualificados. Isto se consegue através da seleção de pessoal apto, seu treinamento no melhor nível possível e sua posterior utilização em universidades bem organizadas. Estas universidades podem se valer de fortes intercâmbios com universidades do exterior pelo processo de universidades irmãs ou gêmeas, através de convênio de troca de professores, administradores, informações e métodos. Fica barato, objetivo e tem-se uma referência.

A pesquisa é parte importantíssima do processo educacional. Há quem pense que

a pesquisa só faz sentido nos centros mais inovadores do mundo. E que, por isso, no Brasil, pesquisa seria apenas um brinquedo de luxo para satisfazer a vaidade de alguns. Mas isso não é verdade. A pesquisa faz parte do processo educacional. Permite alguma contribuição de ponta mesmo fora dos grandes centros inovadores mundiais. Completa o quadro do desenvolvimento científico nas condições peculiares do país.

O país passa, há já bastante tempo, por dificuldades econômicas que dificultam a destinação de maiores verbas públicas e privadas à educação. No momento atual, embora a perspectiva e as esperanças sejam de melhoria das condições econômicas, as premissas adotadas acertadamente pelo Governo na condução da economia dão ênfase à contenção de despesas. No entanto, por prosaico, materialista ou mesmo cínico que possa parecer, o caminho para melhorar a educação passa pelo dinheiro. Na verdade, apóia-se em dois pilares: dinheiro e vontade de aplicá-lo de forma competente. O dinheiro gasto efetivamente com ensino e pesquisa não é jogado fora. É investimento a médio e longo prazos. A nação reflete a qualidade da educação de seu povo.

Do mesmo jeito que o Governo controla o PIB, a inflação, a produção e o consumo, é preciso controlar a PEB — Pirâmide Educacional Brasileira, isto é, uma larga base, educação para todos, e convergência para o pico, através de seleção contínua. Os processos de seleção são largamente usados no exterior: exames preliminares, exames de qualificação, Toefl, GRE (exame de graduação).

É preciso conscientizar todos — a sociedade e os políticos — de que educação é essencial para a própria saúde do país. É preciso vontade permanente de aperfeiçoar o sistema educacional.

Vá em frente, presidente. O senhor foi eleito por 35 milhões de brasileiros, que esperam vê-lo realizar estas reformas. Mas não ouça gente incompetente.